

OS KONSIDERADOS

Episódios 03 a 05 [ou 04 a 06]

Roteiro de Caco Ishak

**Argumento de Gustavo Godinho,
Vladimir Cunha e Caco Ishak**

**[1º tratamento: rascunho longa,
novembro de 2016]**

OS KONSIDERADOS
Episódio 03 [ou 04]
Roteiro de Caco Ishak
Argumento de Gustavo Godinho, Vladimir Cunha e Caco Ishak
[1º tratamento: rascunho longa, novembro de 2016]

CENA 01. INT | APARTAMENTO NO UMARIZAL | DIA

Um casal classe média-alta trava um bate-boca acalorado num quarto com decoração TOK STOK, o que é mostrado sutilmente vez que os planos são bem fechados nos rostos dos dois, que discursam quase que ao mesmo tempo. Ao fundo, escuta-se o choro de um bebê, esgoelado embora meio abafado.

MÃE

Ele é meu, meu! Saiu de mim, meu corpo, quem decide sou eu!

PAI

(tenso ao telefone)
Não sei, mãe, pelo amor de Deus, vem logo. (desliga o celular, tentando manter a calma) Elisa, por favor. Me dá meu filho.

MÃE

“Me dá meu filho, me dá meu filho”. Pra quê? Pra quê, me diz? Pra levar adiante esse gene ruim do pai?

PAI

É teu filho também, mulher, porra, sabe nem o que tás falando!

MÃE

Também? Também?! É meu, só meu, o filho é meu!

PAI

Devolve meu filho, porra!

MÃE

Não eras tu quem queria abortar? Tô mentindo? Não querias? O que é que tu quer agora da vida, hein?

PAI

(levando as mãos ao rosto)
Elisa, devolve meu filho...
meu Deus, eu vou te matar
de porrada...

MÃE

Me diz, qual que é a
diferença, matar agora ou
antes, na minha barriga?

Do lado de fora, em plano aberto, na janela do sétimo andar de um condomínio classe média-alta da Village ou Gafisa, vê-se um bebê de cabeça para baixo se esgoelando de tanto chorar, contorcendo-se, pendurado pela perna de um braço esticado para fora da janela. Lá embaixo, na rua, as pessoas começam a se amontoar. O interfone começa a tocar no apartamento do casal.

PAI

(já socobrando)
Eu tô te implorando, Elisa,
me mata, mas bota meu filho
no chão.

MÃE

Acabou, Breno, essa criança
não vai pagar pelos teus
erros.

Close no rosto do pai, paralisado. Abre o plano: num canto, a mãe segura o ventre, boca escancarada sem emitir som, espasmos silentes como se o pranto estivesse preso na garganta. No outro, o pai permanece imóvel. Escuta-se um estrondo. O choro cessa.

[VINHETA]

CENA 02. INT | LAJE / CASA DE CLAYTON | MANHÃ

Close numa chave cuja ponta está cheia de pó diante de uma narina. Aspiram. CLAYTON está imerso até o meio do tórax num tanque d'água de poliuretano azul na laje de seu puxadinho. Conversa com alguém ao celular, apoiado em seu ombro esquerdo. Segura uma latinha de Cerpa com a mão esquerda. Deixa o molho de chaves num tamborete a sua direita, onde se encontram três latinhas vazias e uma saca preta de cinquenta.

CLAYTON

Que porra de banda, mermão,
eu mais o DJ se garantimo.
Marrapá. Tu acha que eu sou
moleque, é? Te dando o
papo, porra. Só o filé, hit
no rabo de hit, porrada. E
por um terço do cachê. Tô
lançando um novo conceito
aí no mercado, se liga.
Pois é, um terço. Ah,
papai, cola em mim. Pois é.

O celular apita. CLAYTON checa a tela, confirma que a bateria está para acabar. Sai do tanque num pulo, largando a latinha de cerveja dentro d'água. Está vestindo uma sunga branca, micro.

CLAYTON

Mano, peraí só um
segundinho, deixa eu catar
aqui o carregador que a
bateria vai já arriar. Alô?

O celular apita duas vezes, a bateria acaba.

CLAYTON

Taqueopariu...

CLAYTON atravessa a laje apressado, desce afobado a escadinha até o quarto e pluga o celular ao carregador já na tomada. O celular não liga. CLAYTON estala a língua nos dentes. Tira o carregador da tomada e o coloca de novo. Tenta acender a luz. Abre a geladeira. Olha pela janela da cozinha, a equipe da Celpa está se preparando para ir embora após, subtende-se, ter cortado sua energia. Um dos técnicos está descendo a escada, o outro fala ao rádio.

CLAYTON

Ê, caralho, pera, pera,
peraê, porra.

Sai correndo de casa, terminando de vestir um roupão de oncinha e chinela. Os técnicos estão para entrar no carro.

CLAYTON

(alterado)

Mano, não viaje, tá paga
essa conta, porra, checa aí

de novo no teu sistema pra
tu ver, checa!

TÉCNICO 1
(levantando os braços)
Meu amigo, antes de tudo,
trate de se acalmar aí.

CLAYTON
Mas tá pago!

O TÉCNICO 2 cruza os braços. Os dois TÉCNICOS se encaram.

TÉCNICO 1
Táqui no sistema ó, pra
mais de dois mês sem pagar.

CLAYTON
Mano, não é possível,
quebre essa pro seu irmão,
eu tarra pra fechar um
negócio...

O TÉCNICO 1 balança a cabeça. CLAYTON enfia a mão no bolso
do roupão e se aproxima, tentando empurrar uma nota de
vinte na mão do TÉCNICO 1.

CLAYTON
(sussurrando)
Vem cá, tome aqui, tome,
pro lanche, dá pros dois,
quebre essa...

TÉCNICO 1
(dando as costas)
Ih, olha, meu amigo, não se
complique. Deixa eu ir me
embora, que é.

CLAYTON
Tá achando pouco, porra?

O TÉCNICO 1 se vira de volta e encara CLAYTON, sério. Os
dois ficam em silêncio por um instante.

CLAYTON
Me empresta pelo menos o
teu celular? Rapidola?

O TÉCNICO 1 dá as costas novamente e entra no carro sem
dizer nada, acompanhado pelo colega. Partem. CLAYTON fica

parado no lugar por um instante. De repente, dá um rompante até o meio da rua, tira uma das chinelas do pé, todo troncho, e a atira em direção ao carro, já longe.

CENA 03. INT | CASA DE LORRAN | MANHÃ

LORRAN e sua MÃE estão em seu barraco, um cubículo de 5x3, beliche e fogão e geladeira dividindo o mesmo espaço. Não há banheiro. Roupas empilhadas e amontoadas pelo chão. Uma máquina de costura sobre uma mesinha encostada na única parede livre. As duas discutem, LORRAN em pé e sempre exaltada, andando de um lado para o outro, e sua MÃE mezzo serena mezzo apática, sentada no beliche. A MÃE DE LORRAN a pressiona para que volte a trabalhar como comerciária.

MÃE DE LORRAN
O que é que tu já vai fazer
lá, pequena?

LORRAN
Ai, mãe, não sei, tô com um
mal pressentimento.

MÃE DE LORRAN
Tu sempre tem dessas coisa,
menina, te aquietá.

LORRAN
Mas mãe...

MÃE DE LORRAN
Quanto tempo faz já?

LORRAN
Faz o quê?

MÃE DE LORRAN
Que ele não te procura. Ou
do tiroteio. Tudo igual.

LORRAN
Ai, olha, eu não sou
calendário.

MÃE DE LORRAN
Não, né?

LORRAN
É a minha carreira, mãe. Eu
não vou arregar assim, não.

MÃE DE LORRAN
Te orienta, pequena, vai lá
na loja que é e pede teu
emprego de volta, tamo ruim
de grana.

LORRAN
Mas mãe...

MÃE DE LORRAN
Mas mãe o quê, já? Não
criei filha pra ser mulher
de bandido, não.

LORRAN
Eu não sou mulher dele, só
parar de graça. E ele não é
bandido, porra.

MÃE DE LORRAN
Quêêê... não toma jeito
esse pequeno, maior 171.

LORRAN
Não precisa falar assim
dele também.

MÃE DE LORRAN
(fazendo bico)
Tá bom...

CENA 04. EXT | RUA DE CLAYTON | MANHÃ

CLAYTON sai pela rua, batendo de casa em casa para ver se
alguém lhe empresta o celular. Todo mundo lhe nega, o que
não é mostrado. Ao invés disso, tem-se uma sequência de
súplicas seguidas de portas fechadas em sua cara.

CLAYTON
Um minutinho só, Maricota,
di rocha. Te pago os
créditos de volta.

CLAYTON
Minha mãe morrendo lá pro
interior e eu aqui sem
notícia dela.

CLAYTON

A senhora nem imagina o que
me aconteceu, Dona Sofia...

CLAYTON tenta abordar um casal de NAMORADOS numa esquina,
já com o roupão todo aberto.

CLAYTON
Meus jovens, com licença...

NAMORADO
(dando um chega pra lá)
Té doido, mermão? Quer
apanhar, é?

CLAYTON
Não, não, não.

NAMORADO
Seu saliente de merda.

CLAYTON rápido se afasta. Passa um PIPOQUEIRO numa
bicicleta. CLAYTON sai correndo atrás dele. O PIPOQUEIRO
nem para.

CLAYTON
Ei, ei, ei, ei, ei!

CLAYTON sai andando apressado, por vezes tratando de fechar
o roupão. Já está um pouco ofegante. Chega na frente de uma
casa de alvenaria, vai até a porta, bate. Bate de novo.
EDIR abre a porta.

CENA 05. INT | CASA DE LORRAN | MANHÃ

A discussão entre LORRAN e sua MÃE prossegue com os ânimos
cada vez mais exaltados.

LORRAN
Pelo visto ele é o único
que acredita no meu talento
mesmo.

MÃE DE LORRAN
Acredita é no bolso dele,
que é.

LORRAN
Para, mãe, égua, vou te
contar, viu, que saco.

MÃE DE LORRAN

Não paro não, minha filha,
não paro. (levantando-se do
beliche) Tão dizendo até
que ele agora deu pra se
drogar, diz que vive
cheirado pelas rua aí.

LORRAN

Eu me admiro é de ti ficar
dando ouvido pro que esse
povo fala, tudo um bando de
prega frouxa sem dono do
caralho.

MÃE DE LORRAN

Vai lá, então, vai. Não
falo mais é nada. Mas chega
aqui estriquinada pra tu
ver só...

LORRAN

Ih, agora foi...

MÃE DE LORRAN

Tô falando sério, menina.
Pensa nos teus irmão. Tamo
necessitado, pombas, deixa
logo esse malandro que não
quer saber de ti pra lá.

LORRAN

Mas eu tô pensando em vocês
tudo, mãe. Tu acha que dá
pra sustentar alguém com a
merreca que eu ganhava lá
na loja?

MÃE DE LORRAN

Melhor merreca do que
continuar se endividando
por causa daquele traste.

LORRAN

Não é por causa dele, é
pela banda, pela música,
pela minha arte.

MÃE DE LORRAN

Ah, xi... já vi tudo...

LORRAN

Tá, mãe, tá bem. Tu venceu, foda-se o Clayton. Deixa eu caçar emprego que é, então, que praquela loja eu não volto é nunca mais. Jamé!

LORRAN sai de casa, bufando e batendo a porta.

CENA 06. INT | CASA DE EDIR | MANHÃ

EDIR bate a porta de casa, CLAYTON já dentro. Ensaia dar um abraço caloroso no amigo, mas CLAYTON está por demais afobado e se limita a dar uns tapinhas nas costas de EDIR.

EDIR

Ê, rapaz, o senhor anda sumido. Não faça mais isso.

CLAYTON

Correndo atrás do preju, parceiro. Olha só, me arruma o teu celular?

EDIR

Ih, mano, me roubaram ele nesse fim de semana, saindo da igreja, nem te conto.

CLAYTON

Taqueopariu. Tá roça, viu.

EDIR

Ê, rapaz, nem mais a casa do Senhor esses filho da puta respeita. Tudo armado.

CLAYTON

Também, com os cobre que esses pastor levantam.

EDIR

Mas quando... vai tudo pra caridade, Clayton. O povo lá da minha congregação leva a missão a sério, não tem desses Malafaia lá não.

CLAYTON

Sei. Edir, segunte. Eu tarra quase pra fechar um show com o Tapioca quando a minha bateria arriou.

EDIR
Tu ainda te dá com o Tapioca, mano?

CLAYTON
Sim, sim. Mas enfim, aí os filho da puta da Celpa cortaram a minha luz bem na hora lá e nem deu pra recarregar essa porra.

EDIR
Fica à vontade, meu patrão, pode dar essa carga aqui.

CLAYTON
Que porra de carga, Edir, eu quero é a minha luz de volta, mano, não dá pra fazer os corre sem luz.

EDIR
Égua, Clayton, eu tô zoado de grana, nem tenho como te ajudar a pagar isso.

CLAYTON
Mermão, que pagar, não é o senhor que é o Professor Pardal das parada? Bote essa lampadinhaê pra funcionar. Bora lá em casa, bora, tu arruma isso em dois tempo pra mim, faça essa pré pro teu irmão aqui.

EDIR
O que é que tu quer que eu faça já?

CLAYTON
Ah, mano... tu sabe, aquele miau-miau básico e tal.

EDIR

Ih, rapaz, tô fora. Eu não faço mais essas coisa não, Clayton, só traz desgosto pra minha mãe.

CLAYTON

Deixa de ser assim, Edir. Tamanho velho já. Ajuda o teu próximo mais próximo de todos, irmão.

EDIR

Porra, mano, se isso chegar nos ouvido do pastor, eu vou é me queimar de graça.

CLAYTON

Para de frescura, Edir, safá essa pro teu bróder. Ninguém vai nem ver. Tô precisado eu, tu sabe.

EDIR

Só bronca, meu patrão... tá, tá, bora lá.

CLAYTON

(agarrando Edir pelos ombros)
Aê, porra, assim que se gosta. Mas pera, deixa eu usar o banheiro primeiro, rapidola.

Corta para CLAYTON já no banheiro, em frente ao espelho, esfregando o nariz.

CENA 07. INT | LAJE DE COLUCCI | MANHÃ

LORRAN está deitada de bruços, tomando sol sobre uma toalha estendida na laje de PAULO COLUCCI, quem por sua vez está sentado numa espreguiçadeira reclinada. Ambos estão clareando os pelos do corpo. LORRAN clareia, em especial, os pelos dos glúteos e COLUCCI, os cabelos.

LORRAN

Sério, bi, tô pensando até em dar o cu pra não ter que voltar mais praquela loja.

COLUCCI

Mana do céu, por que tu não
sai deixando teu currículo
por aí em vez do cu?
Aproveita que é fim de ano,
a C&A tá contratando.

LORRAN

C&A, Paulette? Tu diz? Aí é
que eu vô sê enrabada memo.

COLUCCI

Bi, eu ouvi dizer que a
comissão lá é boa, viu.

LORRAN

Quem te disse isso, já?

COLUCCI

A Kelly Chupeta fez um bico
lá no ano passado, maninha,
botou o silicone na bunda
foi é depois disso.

LORRAN

Grandes merda, escorreu
tudo pras panturrilha de
tão palha que era.

COLUCCI

Tu tá que tá hoje, hein?
Vai fazer a egípcia agora,
é? Té parece que tá
podendo, quem vê até pensa.

LORRAN

Tô encaralhada, mana. O
Clayton se escafedeu-se,
minha mãe passa o dia
todinho me alugando.
Olha... uó, viu, te contar.

COLUCCI

Mas e aí? Tu vai ficar
nesse mimimi, só no carão,
ou vai pra guerra? Mana,
esquece Clayton, esquece
banda, isso tudo tá só
fazendo é atrasar a tua
vida, tu não vê isso, não?

LORRAN

É minha arte, caceta, eu
quero é rebolar num palco e
não ficar vendendo calçola
bege pra velha coroca
fedendo a corega e guariba.

COLUCCI

(dando um tapa na própria coxa)

Ai, tchau pra ti.

(resmungando) Minha arte...

COLUCCI se levanta, limpando o corpo com uma toalhinha de rosto, e deixa LORRAN sozinha na laje, ainda de bruços sobre a toalha, pernas dobradas para cima, pés balançando ansiosos, rosto apoiado nas mãos, pensativa.

CENA 08. EXT | RUA DA CASA DE CLAYTON | MANHÃ

EDIR está no alto de uma escada encostada no poste, mexendo na fiação. Já decentemente vestido, CLAYTON está parado ao lado da escada, olhando para cima, em direção ao amigo. Uma "IRMÃ" está passando agarrada a uma bíblia e reconhece EDIR da igreja. Detém-se para cumprimentá-lo.

IRMÃ

Ô, irmão, bom dia!

CLAYTON olha para o lado oposto e pragueja em silêncio. EDIR não parece nada preocupado. Não se sabe se disfarça bem ou simplesmente não se tocou. Limita-se a tossir.

EDIR

Dia, irmã, tudo bem com a senhora?

IRMÃ

Na paz do Senhor, louvado seja. Só esperando a minha hora, né, irmão?

EDIR

Tá indo no médico? O que é que a senhora tem, já?

IRMÃ

Que médico que nada, irmão. Deus, graças a Deus, me deu uma saúde de ferro. Mas todo dia é alguém morrendo, né?

EDIR
Ah, sim. E não é?

IRMÃ
Esse Jurunas tá parecendo o inferno. A minha vizinha acabou de me contar dum pequeno que ficava fumando droga lá no beco atrás de casa, apareceu hoje de manhã sem a cabeça, diz que, com o peito, os braço tudo cortado.

EDIR
Ô, Senhor...

IRMÃ
Mas nem precisa ser bandido, né, irmão? Mataram o filho da Dona Deusiana na frente da casa deles na semana passada, assalto diz que, ele caiu durinho em cima da filha, a menina não tem nem cinco anos, tarra era toda ensanguentada.

EDIR
Esse mundo tá perdido mesmo, né, irmã?

IRMÃ
Quando não é isso, se não levam a nossa vida, levam todo o nosso dinheirinho. Quase que quebram a mandíbula da Dona Mundica lá da Coleta quando ela saiu do banco pra pegar a aposentadoria dela, ela tarra me contando ontem com os olho cheinho d'água, chega deu pena.

CLAYTON
Dona Mundica, a velha coxa?

IRMÃ

Essa merma, irmão, lá da
Bom Jardim.

CLAYTON
(cabreiro)
Rapaz, coitada...

EDIR
Tudo um bando de safado,
irmã, culpa do ladrão do
Lula e daquela vagabunda da
Dilma que sempre passou mão
na cabeça desses bandido.

IRMÃ
Misericórdia, Senhor!

EDIR
(ainda mexendo na fiação)
Que misericórdia que nada,
irmã. Deus que me perdoe,
mas tinha era tudo que
morrer mesmo, eu sou a
favor da pena de morte,
sabe, pra tudo quanto é
bandido. Roubou: farelo.
Matou, morreu.

IRMÃ
Menino, falando em pena de
morte, eu quase que me
esqueço, o pior mermo foi a
doida duma mãe aí, rica a
mulher, lá pras banda da
Doca, a doida não me atirou
o próprio filho da janela?

EDIR
(voltando-se à Irmã)
Como assim, doido?

IRMÃ
Não tinha nem um ano a
criança, diz que, bebê de
colo ainda ele.

EDIR
Não tô dizendo, irmã, tô
dizendo. Vai fazer o que
com uma lazarenta dessas?
Tá possuída pelo maligno,

só pode. Tinha mais é que ser queimada numa fogueira logo. Que nem antigamente.

IRMÃ
Misericórdia, Senhor.

Close em CLAYTON, calado, entre reflexivo e sisudo.

CENA 09. INT | SHOPPING CENTER | MEIO-DIA

LORRAN passa toda produzida, tubinho preto, salto alto, peruca ruiva retrô, pela frente de televisões ligadas na vitrine de uma loja de eletrônicos num shopping center, uma delas está no canal de notícias e mostra o caso de IAGO, o bebê assassinado pela própria mãe no Umarizal. LORRAN se detém para assistir à matéria, indiferente.

CENA 10. INT | CASA DE CLAYTON | MEIO-DIA

Corta para um close em CLAYTON já na cozinha de sua casa, olhando pela janela à espera de um sinal de EDIR.

EDIR
(ao longe, pela janela, erguendo o polegar)
Pode ligar!

CLAYTON, já com o carregador e o celular em mãos, pluga-os na tomada e liga o aparelho.

CLAYTON
(num tom moderado, como se falando para si mesmo)
Pega, porra.

Telefona para TAPIOCA. Close no celular posicionado à orelha. Fora de área. A mão com o celular despenca, e CLAYTON leva a outra aos olhos que vai descendo por seu rosto até o queixo, esticando sua boca escancarada.

CENA 11. INT | LOJA DE DEPARTAMENTOS | TARDE

LORRAN prossegue até a C&A, entra, vai direto ao RH, passa altiva pela porta e se senta entre outras duas moças sem falar com ninguém. Pega uma revista, folheia. Mexe nos cabelos. Seu nome é chamado. LORRAN se levanta e passa por uma porta. A entrevista é feita por uma mulher de seus 35 anos, parda, cabelos tingidos de loiro de farmácia. As duas

se cumprimentam, LORRAN já se sentando à mesa. Segue-se uma sequência de cortes de LORRAN.

LORRAN
Olááá, como vai? Tudo bem?

LORRAN
Olha, eu sou bailarina e coreógrafa, mas tô pensando em largar esse mundo de artista, sabe, só stress.

LORRAN
(toda cheia de brio e manha)
Os Konsiderados...

LORRAN
Tu nunca ouviu Vou Te
Processar Por Esse Amor?

LORRAN
Mas ah... em que mundo tu vive, hein, maninha?

LORRAN
E muito, por quê?

LORRAN
Ih, olha, eu te garanto que muito mais que tu.

LORRAN
Quer que eu te mostre, é?

LORRAN
(dando um tapa na mesa e se levantando)
Vai te foder, filha da puta. (levantando o dedo)
Não vai ser uma geleca platinada que vai me dizer (dando uns tapas no peito) se eu sou mulher ou não.

LORRAN
(levantando o vestido, nada se mostra)
Táqui, ó, sua nojenta!

LORRAN
(sendo levada à força por dois seguranças)
Me solta, porra, socoorro!

LORRAN é expulsa pela porta dos fundos. Toma uns cacetes dos seguranças repetindo "Na cara não!" que a deixam jogada na rua. Seu salto está quebrado, tira os sapatos, levanta.

CENA 12. INT | CASA DE CLAYTON | TARDE

CLAYTON e EDIR estão sentados, um de frente para o outro, no que seria uma sala. CLAYTON folheia uma Playboy.

EDIR

Mas égua, Clayton, na boa, tá muito escroto esse teu esquema aí. Porra, mano, na boa, não fique puto com seu amigo, você sabe que eu lhe considero.

CLAYTON

É o que tá dando pra fazer, moleque. Pagando as conta, tá valendo. E muito.

EDIR

Pô'a, nem parece o Clayton que eu conheço, mermão.

CLAYTON

Aquele Clayton morreu, mano. Morreu com a banda.

EDIR

(levantando-se)

Mas quem disse que a banda morreu, rapaz?

CLAYTON

Tem mais nada, doido, mais ninguém. Quê, vamo tocar só nós dois, eu e tu?

EDIR

E por que não? Melhor que só tu e tu, tu mais esse playback escroto.

CLAYTON

Esse playback escroto, pelo menos, não paga passagem e nem come feito um preá.

EDIR

Orra, meu patrão, assim o
senhor me magoa.

CLAYTON

Mó estômago furado tu.

EDIR

Me deixa, mano.

CLAYTON

Mas sim.

EDIR

Mas sim o quê?

CLAYTON

A banda, porra, tu quer
memo voltar com isso depois
de toda aquela cagada?

EDIR

Hmmm, tu já te empolgou,
foi?

CLAYTON

Mas quando, só especulando.

EDIR

Bora lá em casa, bora, eu
quero te mostrar uma
parada.

CLAYTON se levanta, meio fungando, cabreiro, os dois passam
pela porta em direção à rua. Close na porta se fechando.

CENA 13. INT | CASA DE EDIR | FIM DE TARDE

Close na porta se abrindo. CLAYTON e EDIR entram na casa
deste. EDIR segue direto rumo ao teclado num canto da sala,
CLAYTON se joga no sofá.

EDIR

(ligando o teclado)
Escuta só essa base aqui.

CLAYTON

(após um tempo escutando)
Porra, tá bacana isso
mermo.

EDIR
(sorrindo, todo prosa)
Te falando.

CLAYTON
Égua, mano, isso dá caldo,
hein, podes crer.

EDIR
Bora logo voltar com essa
banda, rapá.

CLAYTON
Tu diz?

EDIR
Ora se não. Ou tu não acha
que isso tem potencial pra
estourar bonito?

CLAYTON
Sim, sim, pô'a, selado,
joga uma letra bacana nisso
aí, depois é só correr pro
abraço.

EDIR
E tá faltando o quê, então?
Escrevaê, meu patrão, faça
a sua mágica, poetinha.

CLAYTON
Tô pensando aqui no que
falar. Não dá pra errar,
tem que ser certeiro.

EDIR
Tem que ser sobre alguma
coisa que tá na moda entre
os grã-fino, tipo política,
impeachment, já chega
dessas música de corno.
Bora inovar, bora. Melody
de protesto, te manca?

CLAYTON
(endireitando-se no sofá)
Pois é, tarra pensando
nisso mermo, tô fazendo
umas conexão aqui. Fiquei

de cara com o que a irmã lá
disse hoje mais cedo. Tu já
ouviu falar né naquilo de
feminista que os pessoal
tudo agora anda comentando
por aí, rádio, TV, revista?

EDIR

Coisa dessas sapata voz e
violão, né?

CLAYTON

(pulando do sofá, aponta para o teclado)
Toca aí, toca aí. Bora
agilizar essa letra.

Close no nariz de CLAYTON, novo tiro na chave.

CLAYTON

Égua, moleque, tive uma
ideia porrada. A gente vai
gravar é no computador do
Natinho, teu primo, mermo.

Close no nariz de CLAYTON, um tiro de cada lado.

CENA 14. EXT | LAJE DE COLUCCI | NOITE

LORRAN está em pé, levantando um pesinho improvisado a
partir de um cano e cimento, já banhada e com outras
roupas, enquanto COLUCCI, come um pacote-família de Ruffles
e toma Coca-Cola direto da garrafa de dois litros, estirado
na espreguiçadeira. COLUCCI se engasga de tanto gargalhar,
tossindo e rindo ao mesmo tempo, cuspindo restos de batata.

LORRAN

Mana, levou logo foi o
destempero pra deixar de se
fazer de doida.

COLUCCI

(rindo horrores)

Tu é maluca, mermo, não
acredito que tu subiu na
mesa da mulher e sentou-lhe
uma surra de pica.

LORRAN

Não que não.

CENA 15. INT | LOJA DE DEPARTAMENTOS | DIA

Corta para flashback: sala do RH da C&A. LORRAN está de joelhos sobre a mesa da RECRUTANTE, agarrando a mulher pelo cangote com um braço e seu pênis com a outra mão, balançando o corpo em sua frente. A RECRUTANTE está aos berros, apavorada. Escutam-se estalidos.

CENA 16. EXT | LAJE DE COLUCCI | NOITE

COLUCCI está gargalhando ainda mais, quase para explodir de tão vermelho do tanto que tosse.

COLUCCI
Égua, super like pra ti!

LORRAN
Tu te passa pra mim que eu sei, diga lá.

COLUCCI
(recompondo-se)
Tu não toma jeito mermão.

LORRAN
(largando o pesinho no chão e se sentando, cruza as pernas)
Eu, né? A mulher vem me falar um monte de merda e sou eu que não tomo jeito?

COLUCCI
(deixando o saco de Ruffles de lado e pegando o celular)
Seeeeeeeeeeeeii.

LORRAN
Digo é nada.

COLUCCI
(escutando no celular uma música cantada por mulher)
HAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHA

LORRAN
(inclinando-se em direção ao celular de Colucci)
O que foi já?

COLUCCI
(estendendo o celular a Lorran)
Só saque só a nova presepada do teu amado lá.

LORRAN encara calada a tela do celular, onde se vê um vídeo no YouTube, apenas áudio e uma sequência de fotos da banda em que basicamente só aparece CLAYTON. A música, porém, é cantada por uma voz feminina, não muito boa.

MÚSICA

"Iago, meu anjinho, hoje eu
vou te embalar / porque só
uma mãe / com todo amor /
tem asas pra te dar".

LORRAN

Égua, esses caralho nem pra
me dar o papo.

COLUCCI

E quem é essa já que tá
cantando?

LORRAN

Eu sei lá. Canta mal pra
caralho.

COLUCCI

Mas já tem mais de cinco
mil visualizações, olha.

LORRAN fita o celular calada, com desdém, ergue uma sobrancelha.

CENA 17. INT | CASA DE CLAYTON | NOITE

CLAYTON está ao telefone, bastante animado, andando de um lado para o outro na saleta de sua casa. Negocia mais um show após o sucesso relâmpago da música "Iago".

CLAYTON

(ao telefone)

Mas, veja bem, já é o sexto
show que eu tô fechando
hoje, o telefone não para
de tocar. Pois é. Então é
isso, meu amigo, ou a gente
fecha por esse valor aí que
eu te disse ou eu fecho com
o Ceará. É a crise, eu sei,
por isso mermo que eu tenho
que cuidar do meu, não é?

Alguém bate à porta. CLAYTON abre, dá de cara com LORRAN.

LORRAN
(entrando sem ser convidada)
Que história é essa de
voltar com a banda sem mim?

CLAYTON
(ao telefone)
Ih, rapá, daqui a pouco eu
te ligo de volta, deu
bronca aqui. Falou!

LORRAN
(levando as mãos à cintura, oscilando o pescoço)
Bronca, é? Me rebatizaram e
ninguém me avisou, foi?

CLAYTON
Te aquietá, Lorran.
(jogando a mão espalmada
por trás do ombro) Não
noie.

LORRAN
Ninguém mais me avisa de
nada mermo, né? Resolveu me
tirar da banda, foi,
Clayton?

CLAYTON
Nada a ver.

LORRAN
Some, não dá mais notícia,
ninguém sabe se ainda tá
vivo ou morto, aparece
fazendo show sozinho no
interior...

CLAYTON
Sozinho não, tinha o DJ.

LORRAN
Que porra de DJ o quê, tu
botava um CD escroto pra
tocar que eu tô sabendo.

CLAYTON
O que tu quer, Lorran? Fala
logo.

LORRAN

O que tu acha que eu quero,
Clayton? Te comer? Só
porque tu quer mermão. Eu
quero a minha banda de
volta, porra, não te faz de
besta!

CLAYTON

(tentando segurar Lorran pelos ombros)
Mas eu ia te chamar,
pequena.

LORRAN

(desvencilhando-se)
Quê, porra nenhuma.

CLAYTON

Deixa de ser afobada.

LORRAN

Quem é essa taquara rachada
cantando nessa música nova
aí?

CLAYTON

A namorada do Natinho, mas
é provisório isso. O Edir
já foi falar com uma
cantoraê, boquinha de mel.

LORRAN

E que diabo de música é
essa, Clayton? É a mãe do
menino cantando, diz-que? A
mulher matou o próprio
filho, porra, tá doido?

CLAYTON

É uma homenagem, mermão.
Uma música de protesto
contra a violência contra a
mulher contra o filho dela.
No fim, todo mundo se fode.

CENA 18. INT | CASA DE EDIR | NOITE

Flashback: CLAYTON, breado e sem camisa, completamente
cheirado, rascunha a letra da música na mesinha de centro

da sala enquanto EDIR toca o teclado com apenas uma das mãos, a outra ocupada segurando uma latinha de Cerpa.

CLAYTON

(sussurrando no ritmo da base)

“E eu vou te dar asas pra
você voar...” (voltando-se
a Edir, assoando o nariz)
Égua da ideia de gênio,
doido, essa porra vai
bombar nas FM!

EDIR se limita a erguer a latinha de cerveja e soltar um ruído indecifrável em voz alta.

CENA 19. INT | CASA DE CLAYTON | NOITE

CLAYTON está parado em frente a LORRAN no meio da saleta, um metro e meio de distância. Os dois se encaram sem dizer nada por um tempo.

LORRAN

Égua, só tu mermo...

CLAYTON

Mas e aí? Bora?

LORRAN

(dando um tapa de leve no peito de Clayton)
Claro, né, ô caralho.

CLAYTON

(dando um tapão na mesa)

Pega, porra!

Close em LORRAN, seu semblante está entre excitado e receoso. Sorri amarelo com as sobrancelhas erguidas.

CENA 20. EXT | PASSAGEM DA CASA DA CANTORA | NOITE

EDIR bate palmas com os braços por dentro de uma grade.

EDIR

Ô de casa!

A CANTORA aparece à janela, linda e angelical, blusa preta. Parece surpresa, disfarça. Abre a porta, o portão, sai ao encontro de EDIR. Cumprimentam-se com dois beijinhos, EDIR com a mão na cintura dela, praticamente na bunda.

EDIR
E aí, meu amor, como a vida
tem tratado você?

CANTORA
Quanto tempo, hein, seu
Edir?

EDIR
Me chame de Edir, meu bem,
já disse pra você, senão eu
até me sinto um velho do
lado de tanta formosura.

CANTORA
(dando uma risadinha e levando a mão ao peito de Edir)
Ê, menino, para com isso,
maneira de falar só.

EDIR
(rindo meio desenfreado)
Seguinte, meu amor, eu
queria fazer uma proposta
pra você.

CANTORA
Eta, que chega me deu até
medo agora...

EDIR
Fique tranquila, mas quando
que eu ia meter você em
roubada? Você sabe a estima
que eu sinto por você.

CANTORA
Deixa de graça, diz logo.

EDIR
Então. Os Konsiderado tão
de volta na ativa.

CANTORA
Pô, bacana.

EDIR
Quer cantar pra gente?

Zoom, close na CANTORA, a batida da trilha de fundo vai
subindo. Com a câmera já próxima, dá um sorriso. Créditos.

OS KONSIDERADOS
Episódio 04 [ou 05]
Roteiro de Caco Ishak
Argumento de Gustavo Godinho, Vladimir Cunha e Caco Ishak
[1º tratamento: rascunho longa, novembro de 2016]

CENA 01. INT | QUARTO | NOITE

A cabeceira da cama balança, fica batendo contra a parede até que um quadro de santo cai. A batida é constante, às vezes acelera. De quando em quando se ouve um gemido. Corta para o espelho de uma penteadeira, onde se vê o pé da cama, dois corpos em movimento. O quarto está quase na penumbra, não fosse uma vela acesa na penteadeira, já do meio para o fim, penteadeira esta onde também se encontram um molho de chaves, uma foto antiga de crianças com os pais presa no espelho, um pacote aberto de camisinhas. Corta para roupas jogadas no chão: meias, cueca samba-canção, uma peça indiscernível preta. Corta para a lateral da cama, embora o que da cama se veja não passe de sete membros, três braços e quatro pernas, braços esticados na vertical, pernas mezzo ajoelhadas mezzo inclinadas. Corta de volta para o chão: duas embalagens de camisinha abertas, uma camisinha usada, empanturrada. Corta de volta para cabeceira da cama: dessa vez, há um braço esticado, mão agarrada ao topo do móvel. Corta: cinturas dos dois, o ritmo já é frenético. Os gemidos idem, ma non troppo. Na toada do próprio ritmo, impulsionada por este até, a câmera sobe mais um pouco: seios. Gemidos de gozo, corta de volta para a cabeceira: a mão escorrega. A vela apaga e os dois: ofegantes na total escuridão, nada mais se vê. Luzes começam a piscar aos poucos, embora a quantidade vá aumentando rápido até um clarão com cores pouco nítidas. Parece um show. Vê-se um PM apontando uma arma. Escuta-se um tiro. CLAYTON aparece ensanguentado no chão, nos braços de alguém. Close em seu rosto. Corta para o rosto de CLAYTON na cama, sol já alto, acordando assustado de um pesadelo. Olhos meio esbugalhados mas sem forçar na atuação, leva a mão ao peito, ao local onde levou o tiro. Uma mão aparece por detrás e se sobrepõe à dele. Faz-lhe um rápido carinho e depois dá-lhe uns tapinhas. A cabeça de LORRAN desponta às costas de CLAYTON.

LORRAN
(manhosa)

Sonhou que tarra sendo
enrabado, foi?

CLAYTON
(afastando a mão de LORRAN)
Me erra, Lorran. (funga)

LORRAN
(levantando-se da cama)
Já tarra era com saudade
dessa tua delicadeza toda,
eu.

Abre o plano. CLAYTON continua deitado de lado e de costas para LORRAN que, já em pé, fica um instante parada à porta do banheiro, olhando para ele. Ainda plano aberto, LORRAN solta o ar pelo nariz, quase um suspiro, esticando um canto dos lábios comprimidos, olhos seguindo a mesma direção.

[VINHETA]

CENA 02. INT | SHOW NA SÃO DOMINGOS | NOITE

A depender da trilha de abertura, a música nem sequer para e da vinheta emenda ao show. Música agitada primeiro. A priori, não se mostra o palco. Imersão na plateia, à la Miami Vice: muito quebra, pó, breja e briga. Duas equipes entram em conflito. Corta para o palco. Destaque para a coreografia de LORRAN. Corta para outra música agitada. Meninas na primeira fila suspendem as blusas, mostrando os seios. CLAYTON pira no palco, completamente alucinado, em êxtase. Suspende sua camiseta também, aos pulos. EDIR só faz rir, até que seus olhos encontram os da CANTORA, meio sorriso estampado no rosto, quando EDIR fica todo sem graça e se volta ao teclado e faz um solo presepeiro querendo "se amostrar", o que acaba cagalizando toda a música. A CANTORA não se aguenta e dá uma risada espontânea, comendo a letra. CLAYTON dá um salto com a mão erguida, gira-a no ar e a fecha assim que alcança o chão, terminando o número. Por fim, chega-se a "Iago".

CLAYTON
(fungando)
Essa agora é uma música
nova que eu... eu mais meu
cumpadi Edir... fizemo em
homenagem à mãe lá que
deixou o filho cair do
prédio na Doca. (a plateia
começa a soltar gritinhos
de frenesi) Ela não merece
o que tão falando dela aí,
não. Mãe é mãe, mermão,
vaca é vaca, é sagrado.
Iago, meu anjo, bora
voaaaaaaar!

A plateia vai ao delírio e todos cantam juntos. Uma equipe chega a acender seus isqueiros para acompanhar a música, de sacanagem. A equipe rival ensaia uma coreografia jocosa. LORRAN pesca a presepada e aperfeiçoa a coreografia na hora, uma versão politicamente correta na medida do possível. Todos na plateia a acompanham. CLAYTON está que não se aguenta de tanta empolgação. Close em CLAYTON.

CENA 03. INT | BASTIDORES DA SÃO DOMINGOS | NOITE

Close em CLAYTON gritando eufórico. Abre o plano, está agitando uma garrafa pet de Coca-Cola.

CLAYTON

(estourando a pet, todo amarrado)
Aéeeeeeeeeee! Não tem
champanhe, vai tu mermo!

CLAYTON faz uma meleira no camarim, sempre gritando numa sequência de cortes, seguida por uma fungada. Está que não se aguenta, sobe no sofá onde EDIR e a CANTORA estão sentados. Molha todo mundo, cada vez mais incomodados embora felizes. COLUCCI se encontra lá também, cochichando aos pés do ouvido de LORRAN.

CLAYTON

Porra, galera, foi do
caralho esse show, bora se
animar! Ânimoooow!

COLLUCCI

(com cara de maldade)
Tu visse a dancinha que a
Lorran inventou lá na hora,
Clayton?

CLAYTON

(sem muita empolgação)
Vi, vi sim, bacana.

COLLUCCI

(desdenhando o desdém alheio)
Arrasô no meu snap, dizque.
(arremata fazendo bico)

NEY MESSIAS entra nos bastidores, dando batidinhas na porta. Começa um burburinho no camarim. NEY cumprimenta efusivamente os integrantes da banda, embora seja o

primeiro encontro entre eles. Cumprimenta COLUCCI, que revira os olhos e se abana. Por último, CLAYTON.

NEY

(abraçando Clayton)

Maninho no céu, o que foi
aquilo já? (dá risadas)
Égua, eu chapei lá da
plateia, visse?

CLAYTON

Porra, seu Ney, não sei nem
o que lhe dizer, olha.

NEY

Pois eu tenho uma coisa pra
te falar, se liga. Tu sacas
o Miranda, não sacas? Lá do
Ídolos e tal?

CLAYTON

Sei, pô'a, sei sim, mano,
claro.

O burburinho no camarim aumenta. COLUCCI saca o celular, começa a gravar. CLAYTON logo perde a paciência.

CLAYTON

(voltando-se para a banda)
Peraê, galera, porra, deixa
o cara falar!

NEY

(dando risadas)

Mas então, mano, o som de
vocês chegou nos ouvidos do
cara, saca, ele pirou, e...
a gente decidiu chamar
vocês pro próximo Terruá
Pará.

CLAYTON

(dando um pulo da cadeira e abraçando Ney, que ri mais)
Éeeeeeeeegua, meu patrão!!!
Aí sim, isso sim merece uma
champanhe valendo!

O camarim explode em gritos, um furdunço só. LORRAN batuca na mesa e entoa um melô proibidão. EDIR agarra a CANTORA e lhe tasca um beijo na bochecha, mas só porque ela vira o rosto. CLAYTON percebe, torce a cara e chega junto.

CLAYTON
(separando os dois)
Ê-iê-iê, pó separar aê,
parou de saliência na
banda!

EDIR
(visivelmente contrariado)
Êêê, qual foi já?

A CANTORA solta uma risada gostosa. COLUCCI filma tudo e vai jogando no Snapshot.

COLUCCI
(num selfie, falando para a câmera)
People, babado ao viiiiiivo
aqui nos camarins dos
Konsiderados na São
Domingos. O meu bofe Ney
Messias - que homem, minha
santa - ele acabou de
anunciar aqui que os
Konsiderados vão tocar no
Terruá Pará! Te meeete,
maninha! Rebola, Lorran!

COLUCCI aponta o celular para LORRAN, que vai rebolando com o dedinho na boca até o chão e já sobe soltando um grito de alegria. CLAYTON tenta se meter na gravação.

CLAYTON
(fazendo um K com dois dos dedos de cada mão em V)
Konsiderados, porrá!
(batendo os dedos uns
contra os outros) É nós no
Terruá!

LORRAN
(tirando graça)
Será que a gente recebe
agora, Clayton?

NEY MESSIAS começa a dar risada. CLAYTON fecha a cara e empurra o celular de COLUCCI, quem desconversa e encerra a transmissão. Breve silêncio. A CANTORA já está de volta nos braços de EDIR no sofá, apoiando a cabeça no ombro dele, CLAYTON se mostra ainda mais incomodado com a cena.

CLAYTON
(dirigindo-se à Cantora, puto)

E eu acho bom é tu perder
uns quilinho aí, viu,
bonita, que o Miranda tem
cara de quem só curte carne
magra, né não, ô Ney?
(voltando-se a Ney)

NEY MESSIAS dá ainda mais risadas.

NEY
Que maldade... (risadas)

A CANTORA fica sem reação, um tanto sem graça. EDIR, franzindo a testa, passa um braço pelos ombros da CANTORA e faz um carinho rápido no braço dela.

CENA 04. INT | CAMARIM | NOITE

Uma senhora carreira destrinchada sobre o tampo de uma mesa é cheirada de uma só vez. CLAYTON já se encontra sozinho no camarim, ao celular.

CLAYTON
Mas então, mano, tá na mão?
Isso, isso, um petecão de
duzentos mermo. Profissa,
hein, olhe lá, adubado sem
baratox que a semana vai
ser no talo, doido.

CENA 05. EXT | RUA | NOITE

EDIR e a CANTORA saem juntos da casa de shows. EDIR carrega o case de seu teclado e a bolsa da CANTORA. Caminham do beco nos fundos à rua principal.

EDIR
O que foi, morena? O que é
que tá te incomodando?

CANTORA
(fazendo bico)
Hum.

EDIR
Me diz, vai.

CANTORA

Pô, Edir, falta só dois mês
pra esse Terruá, o Clayton
não paga a gente e eu toda
gorda aqui, vou é passar
vergonha no palco.

EDIR
Mas quanta heresia, meu Pai
amado. Gorda, é?

CANTORA
(espremendo uma gordurinha)
Olha isso.

EDIR
Só te digo: ah, isso lá em
casa...

CANTORA
(dando um tapinha no peito de Edir)
Deixa de graça, Edir. Tu
bem que podia era me
emprestar uma grana logo,
isso sim.

EDIR
Grana pra quê, já?

CANTORA
Pra quê...

EDIR
(cara de sacana)
Já quer fazer lipo, é?

CANTORA
...pruma academia, claro.
Lipo... quem me dera.

EDIR
Qual foi já, morena? A
história do Clayton lá?

CANTORA
O que é que tu acha, hein,
Edir?

EDIR
Eu acho que isso é uma
besteira sem tamanho.

CANTORA

Besteira... arram... tu não
entende nada mermo, né,
Edir? Tá nem aí pros meu
sentimento, tu.

EDIR

(levando os dedos aos cabelos da Cantora)
Ô, morena, fala assim não.

CANTORA

Vou dizer o quê? E não é
verdade?

EDIR

Claro que não...

CANTORA

(afastando a mão de Edir)
Arram, sei.

EDIR

(estalando a língua nos dentes)
Pois eu vou te provar.

A CANTORA entra num táxi, a porta permanece aberta, EDIR do lado de fora. Passa a bolsa para a dona.

EDIR

Relaxa que eu vou dar um
jeito de descolar essa
grana pra ti. O gerente do
banco é meu bróder, ele,
cola em mim.

A CANTORA fecha a porta. O táxi parte, EDIR fica parado.

CENA 06. INT | QUARTO DE MOTEL | HORÁRIO INDEFINIDO

Rápida inserção: sequência de closes de um casal trepando.

CENA 07. EXT | ÔNIBUS / RUA / CASA DE LORRAN | NOITE

[PLANO SEQUÊNCIA]

LORRAN e COLUCCI estão sentados num ônibus. À medida que a conversa avança, nota-se uma SENHORA dura que nem pedra, estática no lugar e sentada alguns bancos atrás. A certa altura da conversa, a SENHORA se limita a baixar a cabeça.

LORRAN

Eu chooro, mana, tenho
medo de cara feia eu não,
eu.

COLUCCI

(gargalha)

E ele todo se achando pro
lado do Ney?

LORRAN

E tu, hein, safada? Rolou
um cliiima, que eu vi.

COLUCCI

Mana do céu, aquilo armada
deve ser que nem o Dustin
Hoffman no Tootsie, puta-
queo-pariu, meu cu chega
inunda só de pensar.

LORRAN

Tu bem que podia dar pra
ele, né, sua viada?

COLUCCI

Pra quê, mana, cês já não
até entraram no Terruá?

LORRAN

Será que o Miranda curte
trans?

COLUCCI

Bora, chegou.

LORRAN e COLUCCI descem do ônibus e seguem caminhando por
uma ruela do Jurunas, ela agarrada ao braço dele.

LORRAN

Mas sim, me diz, o que tu
acha?

COLUCCI

Acho do quê, doida?

LORRAN

Do Miranda, porra. O
Clayton não disse lá que
ele curte umas magrela?

COLUCCI

Magrela ele até deve
curtir, né, só não deve
curtir muito um pau né, bi?

LORRAN

(afastando Colucci)
Porra, Paulette, sifudê.

COLUCCI

Ai, desculpa, miga. Mas
porra, tu não sabe o que
quer da vida, eu te falo
essas coisa pro teu bem.

LORRAN

(apressando o passo)
Enfia no cu.

COLUCCI

(tenta acompanhar, suspendendo as calças)
Eu acho uma graça, viu. Tu
devia tá era puta com o
Clayton que não te paga o
teu cachê pra tu fazer logo
essa porra da tua operação,
e não comigo que só tô aqui
só tentando te ajudar.

LORRAN

(virando-se abruptamente)
A gente trepou.

COLUCCI

Ihhh, tá explicado. Isso
porque tu disse nunca mais.
(apalpando o pau de Lorran)
Agora, né, não quer perder
esse periperiaçu grego ele,
esse viadinho. Te vira.

LORRAN

(voltando a agarrar o braço de Colucci)
Ai, eu acho que eu tô
grávida, Paulette.

COLUCCI

Do anticristo, só se for.
Magina o que não ia sair
desse cu, um filho do

Clayton mais tu. Chega até
rimou.

LORRAN
Foda-se o Clayton. Eu só
queria ter a minha
perseguidinha, Paulette, só
isso, sabe?

Chegam à porta da casa de LORRAN.

COLUCCI
Bi, me escuta, a gente
tinha era que abrir um
negócio nosso duma vez. Um
salão, uma sauna, sei lá.

LORRAN
Com que dinheiro, mana? Eu
não tenho um puto nem pra
investir na cera do meu cu.

COLUCCI
Eu vou pensar numa solução,
não esquente a periquita
com rola fina. Importa é
que tu tem que te livrar
desse Clayton aí duma vez
que é. Vem cá, vem, me dá
um abraço.

Despedem-se com um abraço, mezzo gemendo mezzo ganindo.
COLUCCI dá um tapa na bunda de LORRAN.

COLUCCI
Vai, sua putinha aborteira,
entra logo, vai.

LORRAN
(já com a porta aberta, virando-se)
Te lovo, viu, miga?

COLUCCI
(estalando a língua nos dentes, faz cara de doce)
Vai-te embora.

LORRAN dá um sorriso e entra.

CENA 08. INT | CASA DE LORRAN | NOITE

Já dentro de casa, LORRAN tira os sapatos e segue rumo ao beliche. Sua mãe dorme com um dos irmãos na cama de baixo. Ela sobe a escada e se deita na cama de cima, junto com mais dois irmãos. Envolve-os com o braço e fica deitada de olhos abertos, reflexiva. Zoom out.

CENA 09. INT | BANCO | DIA

EDIR chega a um banco. Cumprimenta alguém de longe. Segue em direção a quem se descobre ser o GERENTE, quem está sentado em sua mesa atendendo uma senhora de idade.

EDIR

Ô, Rogério, como é que vai essa força? (dá dois soquinhos na mesa e estende a mão)

GERENTE

Opa... (dirigindo-se à senhora) com licença, Dona Marli. (voltando-se a Edir, correspondendo o cumprimento) Tudo bem, amigo? Bom dia. Posso ajudá-lo?

EDIR

Tá lembrado de mim, né?

GERENTE

Na verdade, não. Perdão.

EDIR

Da história lá do... enfim, deixa pra lá. Eu tarra querendo falar com você era sobre outra coisa.

GERENTE

Claro, claro. O senhor já pegou uma senha?

EDIR

Não, não, eu...

GERENTE

Retire a sua senha com o segurança, então, por

favor, que eu já lhe atendo.

Corta para EDIR sentado no meio de uma pequena multidão. Os números vão sendo chamados. EDIR batuca os pés no chão. Estira-se na cadeira. Cochila.

CENA 10. INT | QUARTO DE MOTEL | HORÁRIO INDEFINIDO

Rápida inserção: sequência de closes de um casal trepando.

CENA 11. INT | BANCO | DIA

EDIR desperta num susto. Vira-se para a senhora ao lado e comenta algo como "Demora, né?", ao que é ignorado. Chega sua vez. Levanta num pulo, animado. Senta-se à mesa do GERENTE.

GERENTE
(estendendo-lhe a mão)
Bom dia, tudo bem com o
senhor?

EDIR
(retribuindo o cumprimento, sorriso aberto)
Ah, agora você se lembrou,
não foi?

GERENTE
Lembrei... do quê? Perdão.

EDIR
(apontando a mão espalmada ao gerente, vira a cabeça e ri)
Ulha...

O GERENTE permanece em silêncio.

EDIR
(comprimindo os olhos, levantando o queixo, sorriso)
Êêê.

GERENTE
Como posso ajudá-lo,
senhor?

EDIR apoia o queixo na mão, cotovelo apoiado no braço da cadeira, encarando o GERENTE de baixo para cima. Os dois ficam em silêncio por um instante.

EDIR

(estala a língua nos dentes, leva a mão à mão do gerente)

Não, seu Rogério, deixe eu
lhe dizer. É sobre aquele
crédito social lá que você
me disse uma vez que eu
tinha direito. (ligeira
pausa dramática) Lembra?

CENA 12. EXT | COMÉRCIO | TARDE

Sequência de cortes: Clayton entrando e saindo das lojas, carregando cada vez mais sacolas. Por fim, uma caixa. Corta para uma chave com pó diante de uma narina. Cheiram o pó. Abre o plano: CLAYTON já se encontra no banco de trás de um táxi, cheio de sacolas e uma caixa ao lado.

CENA 13. INT | QUARTO DE MOTEL | HORÁRIO INDEFINIDO

Rápida inserção: sequência de closes de um casal trepando.

CENA 14. INT | CAMARIM DO ESTÚDIO | NOITE

CLAYTON está ao telefone no camarim do estúdio, sentado numa cadeira com os pés sobre a mesa, de costas para porta.

CLAYTON

Pode fechar. Fecha essa
porra, mermão, tô falando.
Sem bronca, eu pago em
cash, dinheiro vivo.

A porta está entreaberta, LORRAN entra sem fazer barulho.

CLAYTON

Selou, então, meu patrão.
Dois pau amanhã na tua mão.
Falô!

CLAYTON desliga o celular e gira a cadeira, ao que parece para se levantar, e dá de cara com LORRAN à porta.

LORRAN

Pelo visto, tá com dinheiro
sobrando, hein, seu
Clayton?

CLAYTON

Tá ficando doida, é? Deu
pra me espionar agora, foi?
Ah, xi...

LORRAN

Não te faz de leso,
Clayton. Com quem é que tu
tava falando? Cadê esses
dois pau aí? Cadê a minha
grana?

CLAYTON

(levantando-se)

Não viaja, Lorran. Tô
fechando uma nave pro show
do Terruá, é grana da banda
sendo torrada com a banda.

LORRAN

Com a banda, né? Sei.

CLAYTON

Tá me chamando de ladrão
agora, é, Lorran?

LORRAN

Não, Clayton, não tô não.

CLAYTON

Ficou doida, foi? Que papo
é esse agora?

LORRAN

Eu só quero o meu dinheiro,
Clayton, faz mais de semana
que tu tá me enrolando. Eu
preciso pagar minhas conta,
porra.

CLAYTON

Tá geral na merda, Lorran.

LORRAN

Porra, Clayton, eu tenho
minha mãe, meus irmão.

CLAYTON

Tô na merda também, porra.

LORRAN

Que mané na merda, Clayton?
Que porra de merda é essa?

LORRAN agarra o roupão novo que CLAYTON veste e o sacode. Ele tenta se desvencilhar, agarrando os pulsos de LORRAN.

CLAYTON
Me solta, porra.

LORRAN
Me diz, Clayton, de onde tu tá tirando grana pra comprar essas tuas roupa nova, hein? (enfia a mão no bolso do roupão de Clayton, tira uma saca de pó) E essas porcaria aqui, hein, Clayton? Tu cagou, foi? Achou na merda também?

CLAYTON
Devolve meu bagulho, porra.

LORRAN
(dando tapas em Clayton)
Tu tá cheirando o pão dos meus irmão, seu fudido.

CLAYTON
(tentando se defender)
Me devolve o meu bagulho,
Lorran, porra.

LORRAN
(balançando a saca na cara de Clayton)
É por isso que o teu pau não levanta mais? Foi por isso que tu sumiu, foi, perdeu o interesse em mim?

CLAYTON
(empurrando Lorran contra a parede)
Me erra, Lorran, caralho.

LORRAN dá de costas contra a parede, com força. A CANTORA está à porta, viu tudo. LORRAN passa por ela puta da vida, esbarrando ombro com ombro, sai do camarim. CLAYTON e a CANTORA se encaram em silêncio.

CENA 15. INT | QUARTO DE MOTEL | HORÁRIO INDEFINIDO

Rápida inserção: sequência de closes de um casal trepando.

CENA 16. INT | ESTÚDIO | NOITE

CLAYTON entra no estúdio seguido pela CANTORA. EDIR está ao teclado, LORRAN se vira de costas e cruza os braços. CLAYTON e a CANTORA assumem suas posições aos microfones. O ensaio para o Terruá Pará começa.

CLAYTON
Menos de dois mês, galera.
Não quero moleza, bora dar
duro nesse ensaio.

A banda começa o ensaio com Vou Te Processar Por Esse Amor. LORRAN executa os passos da coreografia, impecável. Nem dez segundos de música e CLAYTON interrompe.

CLAYTON
Tu errou na virada, Lorran.
Vê se te concentra.

LORRAN fecha a cara, torce o nariz. A banda recomeça. Novamente, CLAYTON interrompe.

CLAYTON
Porra, Lorran. Assim não dá.

LORRAN
Que foi já, Clayton?

CLAYTON
Faz direito, mermão!

LORRAN bufa. CLAYTON funga. A banda recomeça. De Vou Te Processar Por Esse Amor, a banda passa para Iago. Nem cinco segundos e, outra vez, CLAYTON interrompe.

CLAYTON
(jogando o microfone na direção de Lorran)
Puta-queo-pariu, Lorran!

LORRAN
(esquivando-se)
Tá ficando doido, caralho?
Tu tá pensando o quê, hein?
Se essa porra pega na minha
cabeça, tu podia me matar!

CLAYTON
Quêêê, porra nenhuma.

LORRAN
(partindo pra cima de Clayton aos tapas)
Tidufê, Clayton, porra.

CLAYTON
(tentando agarrar os pulsos de Lorran)
Que foi? Vai dizer agora
que tu é a Maria da Penha,
é? Te enxerga, rapá. Corta
fora esse teu grelo duro
primeiro, que é.

LORRAN
(caprichando nos tapas)
Eu te odeio, seu filha da
puta! Morre, desgraça!

CLAYTON
(virando o pescoço)
Edir?! Cadê esse porra?

Abre o plano, EDIR não se encontra mais no estúdio. A CANTORA se atraca a LORRAN pelas costas, tenta tirá-la de cima de CLAYTON.

CANTORA
Larga ele, sua doida!

LORRAN dá um escorão para trás e derruba a CANTORA no chão. Possessa de raiva, LORRAN dá um empurrão em CLAYTON e se atira para cima da CANTORA, ainda jogada no chão. LORRAN e a CANTORA saem no tapa, puxam os cabelos uma da outra, vão girando e se arrastando pelo chão, engalfinham-se enquanto CLAYTON e o ENGENHEIRO DE SOM tentam apartar as duas. O ENGENHEIRO agarra LORRAN, que continua a espernear, CLAYTON afasta a CANTORA, abraçando-a. LORRAN consegue se desvencilhar do ENGENHEIRO, "Me solta", e passa direto a passos pesados por CLAYTON e a CANTORA, encaralhada rumo à saída. CLAYTON consola a cantora, envolvendo-a ainda mais num abraço, enquanto a CANTORA choraminga.

CLAYTON
(gritando em direção à porta)
E vê se não te esquece do
show em Colares, amanhã
cedinho lá na casa do Edir!

Escuta-se o barulho de uma porta sendo batida.

CENA 17. EXT | RUA DO ESTÚDIO | NOITE

CLAYTON e a CANTORA saem caminhando pela rua, estúdio ao fundo. CLAYTON está com um braço sobre os ombros da CANTORA, meio encurvada, e o outro sobre os braços cruzados dela.

CENA 18. INT | CAMARIM DO ESTÚDIO | NOITE

EDIR aproveita a confusão entre CLAYTON e LORRAN para entrar escondido no camarim do estúdio. Escuta ao longe os berros dos dois até fechar a porta. Vai até a mesa, onde CLAYTON tinha deixado a caixinha da banda, abre a caixinha e tira três notas de cinquenta.

EDIR

(junta as mãos em oração, dinheiro no meio, ergue o rosto)
Eu devolvo, viu, meu Pai,
prometo. (beija as mãos com
as notas) Só um empréstimo.

Escuta passos no corredor, enfia o dinheiro na cueca e entra rápido no banheiro. No escuro do banheiro, EDIR escuta alguém entrando e saindo do camarim, barulho da luz se apagando e da porta se fechando.

CENA 19. INT | QUARTO DE MOTEL | NOITE

Breve sequência de closes de um CASAL trepando. Close numa carreira de pó estendida no lombo de uma MULHER toda suada. Alguém cheira a carreira. Metade do pó fica pregado na pele da MULHER. CLAYTON ergue o tronco, de joelhos na cama. Deixa-se cair na cama ao lado da CANTORA. Ela se vira, deitando a cabeça no peito de CLAYTON e levando uma das mãos ao lado do coração dele.

CANTORA

Tu acha mermo que eu tô
gorda?

Breve sequência de closes de CLAYTON e a CANTORA trepando.

CENA 20. INT | ESTÚDIO | NOITE

EDIR sai do camarim e encontra o estúdio vazio. Vai até a rua, já não encontra mais ninguém.

CENA 21. INT | QUARTO DE MOTEL | HORÁRIO INDEFINIDO

Rápida inserção: sequência de closes de um casal trepando.

CENA 22. EXT | FRENTE DA CASA DE EDIR | MANHÃ

Toda a banda está na calçada diante de uma van, menos LORRAN. Mochilas, malas e equipamentos vão sendo colocados no porta-malas por CLAYTON e EDIR.

EDIR

(cochichando enquanto enfia uma mala)
Qual foi o papo ontem,
hein, Clayton?

CLAYTON

Do que é que tu tá falando,
já? (funga)

EDIR

Vocês sumiram, pô'a.

CLAYTON

Quem sumiu foi tu, caralho.
Onde foi que tu te meteu,
por sinal?

EDIR

Me deu um piriri, mano, que
eu tive que sair correndo
pro banheiro, quase que eu
me vazo todo...

CLAYTON

Etaporra... caralho, cadê a
Lorran, hein? Só falta essa
viada não me aparecer
depois de ontem, vai vendo.

EDIR

Depois de ontem por quê,
já? Cês tretaram, foi?

CLAYTON responde com um bico em direção à Cantora, dá uma piscadela. Funga.

EDIR
(cabreiro)
O que é que isso aí quer dizer?

Antes que CLAYTON possa retrucar, LORRAN enfim aparece, ventando. Olheiras, cabelo despenteado e roupas amassadas.

EDIR
Olha, apareceu a margarida.

CLAYTON
Caralho, Lorran, onde é que tu tava?

LORRAN entra na van sem falar com ninguém.

CENA 23. INT | VAN NA ESTRADA | DIA

Plano aberto de frente para todos sentados em silêncio, cada qual olhando para um canto, semblante fechado. EDIR ao volante. Ao fundo, algum brega rasgado toca no rádio. LORRAN se inclina para frente e desliga o som, volta a se sentar. Ninguém se pronuncia.

CENA 24. INT | CAMARIM EM COLARES | NOITE

A CANTORA penteia os cabelos em frente a um espelho, sentada ao lado de LORRAN, quem também penteia os cabelos. CLAYTON está num canto, esquentando o corpo. EDIR chega junto e lhe cochicha ao pé do ouvido.

EDIR
Mas sim, Clayton, que papo foi aquele, já?

CLAYTON
Ih, mermão, lá vem. Que papo já, Edir?

EDIR se limita a fazer um bico em direção à CANTORA.

CLAYTON
(abrindo um sorriso)
Ah, tá... então...

EDIR
Tu não comeu ela não, né, Clayton?

CENA 25. INT | QUARTO DE MOTEL | HORÁRIO INDEFINIDO

Rápida inserção: sequência de closes de um casal trepando.

CENA 26. INT | CAMARIM EM COLARES | NOITE

CLAYTON está cara a cara com EDIR.

CLAYTON
(baixando a cabeça)
Mano...

EDIR
Não acredito, Clayton... di
rocha, mano?

CLAYTON
Porra, Edir, qual foi já?
Vai me dizer que tá
apaixonado, é? Aquilo ali
só tem cara de anjo, rapá,
mas tu sabe, mano, é ploc,
não viaje.

EDIR
Não fala assim dela,
Clayton.

CLAYTON
Mas não foi tu mermo quem
tirou da zona?

EDIR
(exaltando-se)
Sifudê, Clayton, que
necessidade é essa que tu
tem de passar o ferro em
tudo quanto é mulher, mano?
Por que é que tu é assim,
cara?

CLAYTON
Fala baixo, porra.

LORRAN se levanta da cadeira. Vai em direção a CLAYTON e
EDIR. A CANTORA se encara no espelho, apreensiva.

LORRAN

De quem é que cês tão falando aí, já? Quem que tu já tá pegando, hein, Clayton? Me diz.

CLAYTON
Te aquietá aí, Lorran.

LORRAN
Me fala, Edir. O que é que tá rolando aqui?

Todos ficam em silêncio. LORRAN encara CLAYTON, que baixa a cabeça, olha para o lado. LORRAN encara EDIR, que olha para a CANTORA com cara fechada. LORRAN se volta à CANTORA. As duas se encaram em silêncio por alguns instantes. LORRAN bufa pelo nariz, baixando e balançando a cabeça. Segue em direção à saída. Abre o piano, todos em silêncio parados no lugar, a não ser por LORRAN saindo pela porta.

CENA 27. EXT | SHOW EM COLARES | NOITE

A banda entra no palco, ovacionada. Os músicos começam meio travados, mas estão à flor da pele de uma maneira tal, entregues de uma maneira tal, ainda no embalo da querela, que parecem mais numa competição velada. A CANTORA faz uma dança sensual com LORRAN. Todos da plateia começam a fazer o K numa sincronia perfeita, entoando em uníssono o bordão "Faz o K". EDIR pira nos teclados. CLAYTON, a CANTORA e LORRAN jogam as mãos ao alto fazendo o K.

CENA 28. INT | CAMARIM | HORÁRIO INDEFINIDO

Close numa chave com pó sendo tragado por uma narina. Close numa carreira sendo cheirada. Close num cartão com pó sendo tragado. Close num nariz sendo esfregado.

CENA 29. INT | ESTÚDIO | NOITE

Os Konsiderados entram no estúdio para ensaiar. Embora em silêncio, parecem bem mais serenos. EDIR liga o amp, ouve-se a microfonia. Começam a tocar de onde a música parou no show de Colares antes do K coletivo. Parecem mais afinados do que nunca. MIRANDA e NEY acompanham do outro lado do vidro. A música vai contagiando todos. A CANTORA aos poucos vai abrindo um sorriso. Todos trocam olhares afetuosos, constrangidos até. Parecem enfim ter superado os desentendimentos. Zoom out. A batida vai subindo. Créditos.

OS KONSIDERADOS
Episódio 05 [ou 06]
Roteiro de Caco Ishak
Argumento de Gustavo Godinho, Vladimir Cunha e Caco Ishak
[1º tratamento: rascunho longa, novembro de 2016]

CENA 01. INT | CAMARIM | HORÁRIO INDEFINIDO

CLAYTON está de frente para o espelho de uma penteadeira iluminada, camisa branca desabotoada. Dobra as mangas até os cotovelos.

CENA 02. INT | CASA NUM CONDOMÍNIO CLASSE ALTA | MANHÃ

Um SENHOR parecido com o nobre Senador Boca Mole toma seu café da manhã, lendo o jornal, na companhia da FILHA DE DEZ ANOS. A MENINA está com um iPad nas mãos, apática, e começa a choramingar. O PAI BOCA MOLE a olha de esgueirha.

CENA 03. INT | CAMARIM | HORÁRIO INDEFINIDO

CLAYTON apara os pelos das narinas. Tira as sobrancelhas. Passa gel nos cabelos. Borrifa a garganta com uma solução de mel com eucalipto. Borrifa desodorante nos sovacos.

CENA 04. INT | CIA ATLÉTICA | MANHÃ

Três MULHERES na faixa dos 40, duas MILF's e uma GORDINHA, correm na esteira de uma academia. Fofocam sobre o boato de um novo e suposto namorado da Fafá de Belém, psiquiatra dela. Uma das MILF's está mexendo em seu celular enquanto fala. De repente, leva uma das mãos à boca, justo a mão em que se apoiava na esteira, e acaba deslizando e caindo de boca no painel.

CENA 05. INT | CAMARIM | HORÁRIO INDEFINIDO

CLAYTON abotoa a camisa, ainda sentado. EDIR entra no camarim um tanto aflito, com o celular na mão.

EDIR
(estendendo o celular a Clayton)
Moleque, dê só uma olhada
nisso. E te prepara.

CENA 06. EXT | PÁTIO DO COLÉGIO NAZARÉ | MANHÃ

BOLSOMINIONS reunidos no recreio do Marista em volta do celular de um deles, todos gargalhando. Alguns passam a executar de maneira jocosa uma coreografia. Outro filma toda a movimentação. Um pouco mais atrás, um PADRE que tinha percebido a bagunça e estava a caminho do grupo é interpelado por um COORDENADOR, quem lhe mostra um vídeo no celular. O PADRE leva a mão aos olhos e os comprime com o polegar e o indicador até que se encontrem no centro dos ossos nasais.

CENA 07. INT | CAMARIM | HORÁRIO INDEFINIDO

CLAYTON está em silêncio ainda olhando para o celular. EDIR o encara pelo reflexo do espelho, também em silêncio.

EDIR
Diz alguma coisa, Clayton.
Po'a, tu tá me assustando,
mano.

CLAYTON calmamente deixa o celular sobre a penteadeira e abre uma caixinha de metal de onde tira uma saca preta de pó e, ainda muito tranquilamente, joga um pouco sobre o tampo. Dá um tiro sem canudo nem cartão nem nada, direto no nariz. Limpa o excesso, desce a mão pelo rosto, encara-se no espelho ainda em silêncio. Abre o plano. CLAYTON ainda se encarando no espelho de um lado, e do outro EDIR parado à porta.

[VINHETA]

CENA 08. INT/EXT | SEQUÊNCIA DE IMAGENS | SEM HORÁRIO

OS KONSIDERADOS começam a ser perseguidos nas redes sociais. As hashtags #KONSIDERADOSumLIXOdeGENTE #FORÇAIAGO entram nos trend topics Belém. A mídia compra a pauta e os ataques se intensificam com o vídeo de LORRAN sendo transmitido à exaustão na TV e na internet. Corta para BOLSOMINIONS DO MARISTA fazendo a coreografia num casamento para o choque dos adultos presentes. Episódios obscuros das vidas dos integrantes começam a vazar. A operação jamais realizada de LORRAN, insinuações sobre um suposto abuso sexual contra seus irmãos. O crente do cu quente, EDIR. Corta para a MENINA DE DEZ ANOS dando um tapa na cara do PAI BOCA MOLE. O vício em coca de CLAYTON. Corta para alguns PAIS no casamento levando seus BOLSOMINIONS DO MARISTA embora do casamento na base do tapa. Os dias de

prostituição da CANTORA. Corta para a MILF com a boca inchada e sem dente se confessando para o PADRE MARISTA. Blogs feministas publicam posts furiosos sobre o que seria roubo de protagonismo na letra da música, outros esculachando o que consideram apenas uma chacota e nada mais. Corte: A MENINA DE DEZ ANOS segue desferindo tapas e socos no peito do PAI BOCA MOLE, até que ele lhe desfere um tapa que a derruba no chão.

CENA 09. INT | CAMARIM | NOITE

O PRODUTOR da casa de shows entra no camarim com cara de péssimas novas, franzindo a testa, sobrancelhas erguidas, boca comprimida. Cumprimenta EDIR à porta e vai em direção a CLAYTON ainda de frente para o espelho.

PRODUTOR
Grande Clayton...

CLAYTON se vira ainda sentado e encara o PRODUTOR. Corta para CLAYTON já de pé e contra-argumentando:

CLAYTON
Que papo é esse já, Esbuga?
Colé, seu? Cancelar por
quê, doido?

PRODUTOR
Não deu ninguém, mano.

CLAYTON
Como não deu ninguém,
Esbuga? Já não tarra
esgotado essa parada?

PRODUTOR
Geral querendo o dinheiro
do ingresso de volta, mano.

O celular de CLAYTON começa a tocar. Na tela: MIRANDA.

CLAYTON
(estendendo a mão espalmada ao produtor)
Peraê, peraê, peraê. O
Miranda me ligando aqui. O
Terruá doido por mim e tu
aí me desdenhando. (atende
o celular). Faaaaale,
Miranda! E aí, mano velho?

PRODUTOR
Que desdenhando, mano...

CLAYTON
(tampando a boca do celular)
Desdenhando, sim.

PRODUTOR
(estalando a língua nos dentes)
Orra, mano...

CLAYTON
(ainda tampando a boca do celular)
Bonito pra tua cara.
(tirando a mão da boca do celular) Mas sim, Doctor
Ídolos, diga lá. (encarando o produtor com maldade)
Quando é que o senhor vem
ver o nosso show novo que a gente preparou pro Terruá?
(ligeiro corte) Bah, só o filé. (novo corte) Diga,
diga, eu tô lhe escutando.

CENA 10. INT | TOCA DO BANDIDO | NOITE

MIRANDA está sentado à mesa de seu escritório fazendo alguma Mirandisse enquanto fala ao celular.

MIRANDA
Seguinte, velhinho, não tem outro jeito senão sendo curto e grosso, Clayton, que porra de vídeo foi esse, bicho, melou, não dá mais, viu, fudeu, miou, cês tão fora do Terruá.

CENA 11. INT | CAMARIM | NOITE

Close em CLAYTON em silêncio com o celular ainda ao ouvido. A mão que o segura desliza orelha abaiixo. LORRAN entra no camarim, passa por EDIR e o PRODUTOR já botando moral.

LORRAN
Clayton, já deu da tua graça, quede a minha grana?

CLAYTON a encara em silêncio por um instante e então parte para cima dela num pulo. EDIR tenta contê-lo, mas é empurrado e dá uma cambalhota de costas sobre uma poltrona. LORRAN e CLAYTON se engalfinham pelo chão até que CLAYTON consegue dominá-la entre suas pernas, sufocando-a com ambas as mãos. LORRAN passa a ficar com o rosto roxo, inchado, e já não demonstra mais reação senão pelas duas ou três lágrimas que lhe escorrem o rosto.

CENA 12. EXT | LAJE DE COLUCCI | NOITE

LORRAN completamente bêbada e encaralhada, garrafa de Velho Barreiro em mãos, começa a praguejar CLAYTON, EDIR, a CANTORA, Deus e o mundo na laje de COLUCCI, quem filma tudo com o celular gargalhando e tecendo comentários maldosos. Passa então a executar a coreografia da música "Iago" de maneira jocosa, cantando-a de igual modo. COLUCCI lhe atira uma boneca de plástico catada do chão e LORRAN passa a cometer atrocidades com a boneca. Simula sexo oral, anal, encaixando cada gesto na coreografia enquanto canta, para por fim desferir um chute na boneca e arrematar com algo como "Iago minha benga" enquanto aperta o próprio saco. LORRAN e COLUCCI caem na gargalhada.

CENA 13. INT | CAMARIM | NOITE

O PRODUTOR e EDIR conseguem tirar CLAYTON de cima de LORRAN no momento em que a CANTORA entra no camarim. LORRAN se levanta ainda lacrimejando e tossindo, esfregando o pescoço marcado.

LORRAN
Pra mim já deu, Clayton!
Foda-se tu e essa banda,
chega, foda-se, eu só quero
o meu dinheiro!

CLAYTON
Que dinheiro, Lorran?

LORRAN
(jogando o pescoço de um lado a outro)
Que dinheiro?!

CLAYTON
A gente nem vai mais tocar
hoje, rapá, e só por causa
da tua graça! Até limado do
Terruá a gente foi, sua

infeliz! Pelo próprio
Miranda em pessoa! Tu tá é
me devendo se tu quer
saber!

LORRAN

Devendo é o caralho, me dá
logo essa porra, Clayton,
bora, esse dinheiro é meu!

CLAYTON

(após breve pausa, ainda no chão)

Pega lá o dinheiro dessa
filha da puta na caixinha,
Edir, tai em cima da mesa.

EDIR vai até a caixinha sobre a bancada, semblante aflito.
Abre, enfa a mão dentro e tira algumas notas, mostrando a
CLAYTON: não há quase nada, apenas uma de cem, quatro de
cinquenta, duas de vinte e três de dez. EDIR fica calado.

CLAYTON

(dirigindo-se a Lorran)
Tu quer te fazer de doida,
é? Colé já?

LORRAN

Colé já o quê, Clayton?

CLAYTON

Isso é vingança tua, é?

LORRAN

Do que tu tá falando?

CLAYTON

Primeiro aquele vídeo,
agora esse dinheiro?

LORRAN

Tu tá me chamando de ladra,
é, seu cheira-rola? (parte
para cima de Clayton, mas é
segurada pela cintura por
Edir) Tu deve é ter
cheirado tudo, seu porra!
Tu é foda, Clayton, me dá o
meu dinheiro, seu filho da
puta cheirador de merda!

CLAYTON

(esperneando, ainda segurado pelo produtor)
Vai roubar a tua mãe, sua
traveca escrota!

LORRAN

(se desvencilhando de Edir)
Te fode, Clayton! Vai te
foder! Morre, diabo! Eu não
preciso de ti! Ninguém
precisa de ti, seu cheirado
dos inferno! O cheirado do
tecnomelody! Te enxerga,
seu fodido! Seu artista
frustrado, bicha enrusteda!
Cheira logo essa porra de
banda pelo cu que é!

CLAYTON escuta calado. LORRAN dá um escorão na CANTORA ao passar pela porta, a CANTORA bate a cabeça de leve. Ela tenta se achegar para o lado de EDIR, mas ele a impele e sai da sala, deixando-a sozinha com CLAYTON e o PRODUTOR.

CENA 14. EXT | BOCA DO FANTA | NOITE

CLAYTON esmurrava a porta de um barraco de compensado num beco do Jurunas. FANTA, um traficante de seus quarenta e poucos anos, abre a porta só de shortinho e, ao ver que é CLAYTON, fecha a cara.

CLAYTON
Faaale, mano velho...

FANTA
Mano velho o teu cu, rapá.
Veio pagar a tua dívida?

CLAYTON
Então, deixe eu lhe
falar...

FANTA
(fechando a porta)
Ih, doido, vaze já então
antes que eu me encaralhe e
encha esse teu cu de bala.

CLAYTON
(mantendo a porta aberta com o pé)
Peraê, Fanta, pô'a. Me
escuta, mano.

FANTA

O que é que tu quer, peixe?
Desembucha, três segundo.

CLAYTON

Me safe só mais uma saca,
mano...

FANTA

(tentando fechar a porta de novo)
Ara, sifudê, porra.

CLAYTON

(mantendo a porta aberta com muito esforço)
Di rocha, seu, eu te pago
nesse fim de semana mermo,
vou fazer um show aí...

FANTA

Que show, rapá, quem que é
o doido que ainda contrata
vocês depois da presepada
do teu traveco lá?

CLAYTON

Tu já viu também, foi...

FANTA

Ora, quem não...

CLAYTON

Eu já expulsei ela da
banda, mano, se liga. A
gente vai dar essa volta
por cima, tu vai ver só,
mas sem essa tua força fica
foda. Safe essa, vai. Te
pago o dobro de tudo que eu
te devo, o dobro ou nada.

FANTA

(tira uma pistola das costas e a aponta para Clayton)

Tu já sabe o que vai
acontecer contigo se tu
tentar me enrolar dessa
vez, não sabe, boy?
(Clayton se limita a
confirmar com a cabeça,
fitando o chão, e Fanta
pressiona o cano da arma

contra a cabeça dele) Pois
é, isso mermo, farelo.

CENA 15. INT | PUXADINHO DE CLAYTON | NOITE

Close na ponta de uma chave carregada de pó diante de uma narina. Tiro. Close numa carreira sendo aspirada. Outra. Mais outra. CLAYTON está ao celular, inquieto, andando de um lado para o outro na laje de seu puxadinho.

CLAYTON

Mano, é pegar ou largar.
Não, não, não, pera, pera,
eu tarra falando era de mim
mermo eu, sacou? Eu é que
sempre pego ou largo nessa
porra, tendeu? Tudo ou
nada, mais pra nada, mas eu
pego. Não, tamo sem
tecladista, mas eu me
garanto. Doido, eu sou um
homem morto se tu não me
safar essa. Porra, Bicola,
di rocha, seu. Essa é a
minha única saída, moleque.
Tá, tá, eu dou meu jeito.
Podeixar. (funga)

CENA 16. INT | BASÍLICA DE NAZARÉ | MANHÃ

Plano aberto: o altar da Basílica. Há uma cerimônia em andamento. Ao lado do púlpito, um enorme banner em homenagem a IAGO, trata-se da missa de um aniversário de uma criança estivesse viva. O PADRE fala qualquer coisa como "um anjinho no céu olhando por nós ao lado direito de Nosso Senhor Jesus Cristo". CLAYTON entra na Basílica pela lateral e vai se esgueirando até o altar no momento em que o PADRE está para encerrar sua homilia e a música começa a subir. Pede licença ao PADRE e assume o púlpito para o espanto de todos.

CLAYTON

Bom dia, pessoal. (funga)
Pra quem não me conhece, eu
sou o Clayton da banda Os
Konsiderados.

Uma CAROLA de seus setenta e tantos anos aborda CLAYTON, mas leva um chega para lá. Alguns FIÉIS soltam um "oh".

CLAYTON

Se acalmem-se, galera, eu vim em missão de paz eu. Deu tudo errado, né? A música era pra ser uma homenagem pro nosso anjinho Iago e acabou que ninguém entendeu foi é nada, porra. Desculpa, padre. (virando-se ao tecladista) Maestro, me dá um dó aí! (voltando-se novamente aos fiéis) Eu vou mostrar pra esse povo se não foi uma homenagem que eu fiz, se liga: Iago, meu anjinho, hoje eu vou te embal...

Um JOVEM mais entroncadinho e de óculos tenta tirar o microfone do púlpito, mas CLAYTON o toma das mãos dele.

CLAYTON

Ê, doido, não esquente, me deixe. (dando uma corridinha até a frente do púlpito) Porque só uma mãe com todo amo...opa. (se desvia da carola) Tem asas pra te dar.

CLAYTON a essa altura já sobe e desce o altar, praticamente fugindo de umas três pessoas, dentre as quais a CAROLA de setenta e tantos que mal consegue andar. Os FIÉIS permanecem chocados em silêncio. Um moleque filma com o celular. O vídeo, já na rede, tem milhares de acessos.

CENA 17. INT | CASA DA CANTORA | TARDE

A CANTORA está sozinha em casa, assistindo ao SBT. Alguém bate à porta, ela se levanta, abre e dá de cara com CLAYTON num estado deplorável.

CANTORA

Menino, por onde é que tu andasse? Eu mais o Esbuga fiquemo preocupado contigo, pequeno, tu saiu ventando e se escafedeu. Faz mais isso não, Clayton.

CLAYTON
(já dentro)
Tarra por aí.

CANTORA
(fechando a porta)
Na missa é que não era. Tua
cara tá um lixo.

CLAYTON
Nem te conto...

CANTORA
Égua, eu acho é que eu nem
quero saber mermo não,
visse.

CLAYTON
Eu também não vim aqui pra
falar disso, pequena, te
aquieta. Prestenção. Eu tô
precisando da tua ajuda.

CANTORA
(fazendo bico)
No quê, já?

CLAYTON
Eu preciso quitar umas
dívidas aê, morena, senão
eu sou um homem morto.

CANTORA
E eu lá tenho dinheiro pra
te emprestar, Clayton? Te
manca, cheiroso...

CLAYTON
Eu não quero o teu
dinheiro, rapá, eu quero é
ganhar dinheiro. Me escuta.
Depois de bater o pé até
esfolar, muita insistência
mermo, miguelagem peso, eu
consegui fechar um show lá
pra Igarapé-Miri. O cachê
não é lá essas coisa...

CANTORA
Lá vem...

CLAYTON
...mas dá prauitar tudo.

CANTORA
Hum...

CLAYTON
Só que não dá pra fazer
esse show sem tu, morena...

CANTORA
Eu tenho que pensar
primeiro, Clayton.

CLAYTON
...e nem sem o Edir.

CANTORA
Égua, moleque, e tu quer
que eu convença ele, é? Eu
não vou lá falar com o Edir
não eu, ele pegou abuso da
minha cara, mano, nem vai
me escutar ele, ainda mais
pra fazer esse teu show aí.

CLAYTON
Não esquente, morena. Eu
falo com ele. Eu só preciso
saber se tu tá nessa
comigo, com a gente, e tal.

A CANTORA fica em silêncio por um instante, encarando
CLAYTON pensativa.

CANTORA
Bora, morena, quebre essa
pro teu irmãozinho aqui. Tá
roça pro meu lado, po'a, di
rocha...

Close na CANTORA, ainda um tanto confusa. Corta para uma
carreira de pó estirada num lombo feminino e sendo aspirada
de uma só vez. Close no nariz de CLAYTON sendo esfregado.

CENA 18. INT | CASA DE EDIR | MANHÃ

Com a porta da casa de EDIR enquadrada pelo lado de dentro,
escuta-se a campainha. A porta se abre, vê-se CLAYTON, já

mais apresentável, embora todo breado. Nada se falam.
CLAYTON entra, a porta se bate.

EDIR
O que é que tu quer já?

CLAYTON
Eu quero saber se tu vai
continuar com essa tua
frescura aí ou vai lá pra
Igarapé-Miri tocar com a
gente, eu mais ela?

EDIR
Égua, tu é muito sem noção
mermo, olha, te contar viu.

CLAYTON
Lá vem tu com maldade...

EDIR
Que maldade o quê, Clayton?
Tu sabe muito bem do que é
que eu tô falando.

CLAYTON
Não, mano, o que eu sei é
que eu tarra era quieto lá
no meu canto e tu foi lá
atrás de mim pra me encher
a porra do meu saco pra
voltar com essa banda e
agora tu fica aí todo-todo.

EDIR
Tu que foi atrás de mim,
rapá, não te faz de leso.

CLAYTON
Não te faz de leso tu, que
é, mermão. Eu só queria era
um gato eu pra continuar
fechando meus show, só
isso.

EDIR
Que show, Clayton? Que
porra de shows o caralho
eram esses já, mano? Tu,
teus playback mais tuas

peteca? Eu te tirei da
merda, rapá, te manca!

CLAYTON

Ihhh, lá vem tu...

EDIR

Fui eu que te tirei da
merda e o que é que tu me
deu em troca? Um par de
chifre na testa! Tu comeu
minha mulher, porra!

CLAYTON

Que tua mulher, doido,
geral já se meteu naquilo
lá, porra, xereca mais
babujada que farofa de
feira e tu aí pagando uma
de leso na mão dela!

EDIR

Mano, melhor o senhor calar
essa boca duma vez que é.

CLAYTON

E eu tô mentindo? Me diz se
eu tô mentindo!

EDIR

Eu quero mais é que se foda
se ela era puta ou não,
Clayton, te toca! Eu queria
era tirar ela dessa vida, e
eu já tirei, eu vou tirar!

CLAYTON

Vai... vai sim. Ainda mais
agora sem banda...

EDIR

Grandes merda de banda. Tá
no que deu essa porra, a
gente vai é tudo pro
inferno que é.

CLAYTON

Mano, se liga, da Honório
pra cá já é o inferno.
Bora, Edir, só mais esse
show, porra.

EDIR

Não, Clayton, não rola.
Ainda mais depois da merda
que tu fez lá na Basílica.
Que porra foi aquela,
mermão?

CLAYTON

Tu tarra lá?

EDIR

Claro que não, né, Clayton,
que caralho é que eu ia tá
fazendo lá no enterro do
moleque onde até o padre me
odeia?

CLAYTON

Era aniversário, pô.

CENA 19. INT | BASÍLICA DE NAZARÉ | MANHÃ

CLAYTON na frente do altar, totalmente trincado, tenta puxar um coro de parabéns para você como última e absurda cartada. Todo mundo permanece em silêncio a não ser pelo AVÓ DE IAGO que começa a soluçar aos prantos.

CLAYTON

(batendo palmas com ainda mais força)
Bora, galera, que moleza é
essa já?! Devagar, vocês...

Corta para CLAYTON sendo expulso da Basílica sob tapas e chutes. Consegue se livrar e sai descendo a escadaria às pressas, olhando para trás ao alcançar a calçada e ajeitando a roupa rapidamente.

CENA 20. INT | CASA DE EDIR | MANHÃ

CLAYTON e EDIR, por um breve instante, continuam em pé parados um na frente do outro em silêncio.

CLAYTON

Só mais esse show, doido.
Eu preciso dessa grana,
mano velho, serião.

EDIR

Foda-se tu, Clayton.

CLAYTON
(fungando no final)
Tô devendo uma nota pro
Fanta, mano.

EDIR
(após um ligeiro instante de silêncio)
Puta merda, viu...

CLAYTON
Safe essa, mano. Jesus não
disse lá pra perdoar e tal?
A gente é irmão, bróder.
Bora, vai. Só mais esse. Te
juro. Di rocha.

CLAYTON e EDIR se encaram em silêncio.

CENA 21. EXT | VAN | TARDE

CLAYTON, a CANTORA e EDIR estão dentro do carro
atravessando a ponte rumo a Igarapé-Miri. EDIR ao volante,
CLAYTON no banco do passageiro e a CANTORA no banco de
trás, entre os dois, apoiando os cotovelos nos encostos.
Todos em silêncio e com semblantes carregados. Já na
estrada, a van passa por um buraco, a CANTORA se apoia com
uma das mãos no teto. EDIR segue sem diminuir, todos
prosseguem calados.

CENA 22. EXT | FUNDOS DA CASA DE SHOWS EM I.M. | NOITE

A van desce a rua que leva aos fundos da casa de shows em
Igarapé-Miri. Já no início do quarteirão, percebem a
multidão em polvorosa que lhes espera. CLAYTON e EDIR se
encaram, mas nada dizem. A CANTORA já visivelmente
apreensiva desde longe, toma um susto quando a van toma a
primeira pancada, algo explode na janela a seu lado. A van
passa a ser estapeada, a CANTORA começa a gritar apavorada
enquanto o povo não para de xingar a banda.

CANTORA
Ai meu Deus! Bora embora,
bora, tô com medo, não
quero mais não.

CLAYTON

Que embora o quê, pequena.
A gente já chegou, agora
vamo é tocar que é.

EDIR

(a van começa a ser estapeada, a cantora começa a gritar)

Puta merda, Clayton, eu
acho melhor é a gente dar o
abra mermo e logo, viu.

CLAYTON

Porra nenhuma.

EDIR

Porra, Clayton, isso vai
dar merda, tu num tá vendo?

CANTORA

A gente vai morrer, esse
povo vai linchar a gente!
(levando novo susto) Ai meu
Pai Amado!

CLAYTON

Égua, moleque, que morrer,
linchado o caralho, para de
falar merda aê!

EDIR

Mas se ela tá mais é certa,
Clayton, porra, esses
caralho vão acabar tombando
a van, doido!

O CONTRATANTE abre os portões com a ajuda de quatro SEGURANÇAS que contêm a multidão enquanto a van entra pelos fundos da casa de shows.

CLAYTON

Bora, Edir, toca essa porra
logo pra dentro, isso sim.
Bora, mano!

EDIR entra com a van. Os SEGURANÇAS fecham os portões.
CLAYTON pula da van e dá um abraço no CONTRATANTE, um tanto desconcertado.

CLAYTON

Fala, mano velho! Eaê,
Bicola? Essa noite promete,
hein?!

CONTRATANTE
(rindo sem graça)
O povo tá que tá, tu visse?
Bora, galera, bora entrar,
bora, bora lá.

CLAYTON
O senhor é quem manda, meu
patrão.

CLAYTON segue o CONTRATANTE enquanto EDIR termina de descarregar a van com a CANTORA.

CENA 23. INT | CAMARIM DA CASA DE SHOWS EM I.M. | NOITE

CLAYTON está discutindo com o CONTRATANTE quando EDIR e a CANTORA entram no camarim com os equipamentos. A CANTORA permanece o tempo todo quieta no lugar, sutilmente encolhida num canto e mais ainda sutilmente apavorada.

CLAYTON
Ei, mermão, num viaje!

CONTRATANTE
Não viaje o senhor, mano,
você não tá vendo lá fora
como tá?

CLAYTON
Quê, porra nenhuma. (funga)

EDIR
(deixando os cases no chão)
Qual foi já?

CLAYTON
Esse porra aí do Bicola que
agora inventou de querer
cancelar o show só porque
tá com medinho de dar
merda. Sifudê, porra.

EDIR
De dar merda, Clayton? De
dar? Tu não acha que já não
deu, não?

CLAYTON

Quê, tu também é? Porra
nenhuma, rapá, bora logo.

EDIR

Doido, não viaje. Chega, já
deu. Já deu merda, já deu
tudo, já deu já, chega.
Bora é vazar que é.

CLAYTON

Mano, se ninguém for, eu
vou sozinho nessa porra.

EDIR

Sozinho pra quê, Clayton?
Pra ser linchado enquanto
tu aprende a tocar teclado?

CANTORA

(com a voz quase não saindo)
Eu não quero ir.
(pigarreando) Bora embora
bora.

CLAYTON

Tu não tem é nada que
querer, rapá. Eu tô te
pagando, porra, tu é minha
funcionária, mermão.

EDIR

Que pagando o quê, Clayton?
Ninguém aqui recebe além de
ti faz tempo já!

CLAYTON

Não fui eu que roubou a
caixinha, Edir, não fui eu!

EDIR

Nem eu, porra!

CLAYTON

Então pronto, ninguém tem
culpa se a Lorran fodeu com
a gente de novo! Bora logo
fazer esse show e pegar
essa grana, mano. Paga todo
mundo e pronto, tchau e
benção, cada um vai pro seu

lado, tu te casa logo com
essa aí e foda-se vocês.

CENA 24. EXT | SHOW EM IGARAPÉ-MIRI | NOITE

OS KONSIDERADOS seguem rumo ao palco. Mal sobem e o PÚBLICO já começa a atirar tudo quanto é coisa neles. CLAYTON ainda tenta dar um breve boa noite e já começar logo a cantar. A CANTORA, sem saber o que fazer e visivelmente aterrorizada, tenta acompanhá-lo totalmente desafinada, mas EDIR leva uma sapatada na cara e para de tocar. A CANTORA se desvia de outro projétil. Um HOMEM tenta invadir o palco, CLAYTON o empurra de volta com o pé. Outro sujeito consegue agarrá-lo pela perna e o puxa, CLAYTON cai de costas e bate a cabeça no chão. Algumas mãos tentam puxá-lo para a plateia, mas a CANTORA o puxa de volta para o meio do palco e logo são abordados por EDIR, quem ajuda a CANTORA a levantar CLAYTON. O Povo começa a invadir o palco, quebrando tudo, e escondido nos bastidores o CONTRATANTE lhes mostra o caminho, afobado, "vem vem vem". O CONTRATANTE desce uma escadinha que leva dos bastidores ao pátio nos fundos onde está a van. Um ASSISTENTE DE PALCO o acompanha. Depois, nessa ordem: a CANTORA, CLAYTON e EDIR. Um HOMEM aparece do nada nos bastidores e parte para cima deles. Na pressa, CLAYTON dá um escorão na CANTORA para descer a escadinha na frente dela, mas ela já estava com um pé no degrau, torce o tornozelo e cai da escadinha de cabeça no chão. CLAYTON e EDIR descem a escadinha e param em silêncio diante do corpo da CANTORA todo contorcido e imóvel. O HOMEM aparece no alto da escadinha e também para. Logo outras pessoas chegam e se amontoam à porta da escadinha. Abre o plano. Todos parados em seus lugares, fitando a CANTORA no chão.

CENA 25. INT | CAMARIM | HORÁRIO INDEFINIDO

CLAYTON está de frente para o espelho de uma penteadeira iluminada, camisa branca desabotoada. Dobra as mangas até os cotovelos. Apara os pelos das narinas. Tira as sobrancelhas. Passa gel nos cabelos. Borrifa a garganta com mel e eucalipto. Borrifa desodorante nos sovacos. Abotoa a camisa ainda sentado. EDIR chega todo arrumado, camisa para dentro da calça, mangas abotoadas e camisa abotoada até a penúltima casa, e lhe mostra um vídeo.

EDIR
Espia só.

CENA 26. EXT | LAJE DE COLUCCI / ESPAÇO BRONZE | DIA

LORRAN e COLUCCI aparecem juntos no vídeo promocional do Espaço Bronze, apresentando o “novo empreendimento” da dupla, uma fileira de bundas bronzeadas na horizontal ao fundo. Diálogo totalmente improvisado pelos dois atores.

CENA 27. INT | CAMARIM / TEMPLO | DIA

Ainda com o celular em mãos, CLAYTON baixa a cabeça e a sacode devagar, soltando uma risadinha condescendente pelo nariz. Sai do camarim acompanhado por EDIR, passam por um corredor, bastidores e sobem ao palco: um altar. EDIR assume os teclados, CLAYTON assume o microfone. Fala a uma plateia de fiéis compenetrados em seu discurso.

CLAYTON

Boa noite, minhas irmãs e meu irmãos. Que a graça e a paz do nosso Senhor Jesus Cristo reine nos nossos corações. (uma sequência em coro de améns, louvados-seja, aleluias) Hoje é uma noite muito bonita, muito especial. Na madrugada passada, eu fui testemunha de um milagre de Deus, eu vi uma moça já desenganada no leito de morte, bonita ela, muito bonita, eu vi ela renascer pra vida. Ela tarra nas trevas, pagando por tudo de saliente que já tinha feito na vida, e o misericordioso sangue do nosso Senhor Jesus Cristo ressuscitou ela que nem ele fez com Lázaro lá nos tempo dele. Aleluia, irmãos! (a plateia repete: “Aleluia!”) Aleluia, aleluia! Mas, ó, chega de papo, eu quero é que ela merma dê o testemunho dela em pessoa, pessoalmente, que é muito bonito, viu, de se ouvir. Vem pra cá, Irmã Suellen!

EDIR começa a tocar uma bela melodia nos teclados. Assim que a bateria eletrônica começa, as portas do templo se

abrem e um ASSISTENTE, um dos POLÊMICOS, entra pela porta da frente, empurrando uma moça na cadeira de rodas, IRMÃ SUELLEN, que é conduzida até o altar, mais precisamente diante de EDIR, quem passa a tocar com apenas uma das mãos. A outra, ele leva ao ombro de IRMÃ SUELLEN, que retribui o afago. Close na mão da IRMÃ SUELLEN sobre a mão de EDIR no ombro dela. Os dois usam alianças. CLAYTON entrega um microfone à IRMÃ SUELLEN, a CANTORA, que passa a cantar um gospel. A música é bonita. Os fiéis se emocionam com a música. Travelling: rosto a rosto. CLAYTON acompanha a CANTORA no refrão, pregando entre um verso e outro. Corta de volta para a plateia, plano aberto: o rebanho absorto.

[CRÉDITOS]

CENA 28 / BÔNUS. INT | TEMPLO | DIA

Assim que a trilha final chegar ao fim, começa a música das oferendas. Corta para CLAYTON passando pelo meio das fileiras de bancos, conduzindo a cadeira de rodas de IRMÃ SUELLEN, quem carrega no colo um delgado bastão com um saco azul de pano em cada ponta onde os fiéis vão depositando o dinheiro. Uma das mãos firma bem a vareta no colo, a outra segura o microfone em que ela canta.

[CRÉDITOS]

CENA 29 / BÔNUS. EXT | ESPAÇO BRONZE | DIA

LORRAN em close toma um drink no canudinho. Abre o plano: LORRAN pega sol sozinha no Espaço Bronze, o tanque d'água de poliuretano azul logo ao lado.

FIM